Era como se eu fosse um instrumento nas mãos do Diabo.
— SUSAN ATKINS, REFERINDO-SE A CHARLES MANSON, 1976

PRÓLOGO

Às vezes, sonho contigo.

Tal como na vida, acontece por impulso, erraticamente, pois nunca sei quando vais aparecer. Quando é que, ao fechar os olhos para me deixar levar pela misericordiosa negrura, o teu rosto se manifesta de repente, qual pensamento intrusivo. Qual visitante indesejado, com o pé enfiado na porta para entrar à força na minha mente, como sempre fizeste.

Mas o sonho. Sempre o mesmo. Entrar de noite na casa de banho descalça sobre os frios e lisos azulejos brancos. As luzes todas apagadas ao encontrar o meu reflexo no espelho do toucador — mas é a ti que vejo, e não a mim. A ti: feições perturbadas, desconhecidas, traços turvos como a água na banheira depois do banho, revoltas pelo tempo e por memórias tépidas. Os olhos como vidros do mar, baços e desfocados. Como aqueles que apanhávamos na praia. No meu sonho, tens dezoito anos, a idade com que desapareceste. Sempre jovem, eternamente perfeita, conservada no âmbar como uma relíquia do passado. Mas quando me surges, sempre que surges, sempre, ficas a olhar para mim e eu para ti. Sempre, em todas as vezes, é o teu rosto que vejo em vez do meu. A mínima inclinação da cabeça, o jeito do pescoço, é como se o espelho fosse uma janela e ali estivesses, diante de mim. Vinte e dois anos aprisionada no outro lado.

A gozar comigo, imitando cada um dos meus gestos. Impossível de alcançar, mas, de alguma forma, era como se pudesse tocar-te.

Quem me dera conhecer os teus pensamentos. Quem me dera poder decifrar esse teu cérebro encantador, percorrer todas as suas convoluções e por fim, entender.

Poder dissecá-lo, e desta forma, a ti mesma: a Natalie Campbell, a minha irmã mais velha, a exuberante.

Em vez disto, no sonho, estico os dedos e ela corresponde com o mesmo movimento. Procuro tocar-te e assim demonstrar a mim mesma que existes ainda, mas antes de conseguir alcançar-te, de sentir a tua pele contra a minha, desfazes-te em vapor e perdes-te no vento.

CAPÍTULO 1

Os sons da cidade infiltram-se na bolha escura que é o meu apartamento: a tosse dos carros que são ligados, as buzinadelas impacientes da hora de ponta. Fico a ouvir como quem escuta uma sirene a altas horas da noite aos gritos pela rua, os sussurros irados dos vizinhos que atravessam as paredes. Com desapego e afastamento, ainda praticamente inconsciente, percebendo que a noite mal começou, ou assim creio, a avaliar pela série de luzes laranjas que escorre através da abertura nos cortinados. O cheiro a alho que permeia o apartamento sempre que o restaurante chinês no rés do chão começa a servir os jantares.

O telemóvel está a vibrar sobre a mesa de apoio, e tento ignorá-lo, mas o som não quer parar, irritante como um mosquito, até que me viro no sofá e espreito para o ecrã, deparando com uma cascata de SMS.

Claire? Onde andas?

Estás viva?

Fito longamente as palavras, sentindo a mordedura da culpa na nuca por ter ignorado o Ryan desta forma. Não me apetece nada falar agora com ele, mas também sei que lhe devo uma resposta. Afinal, ele não fez nada de mal.

Não

acabo por escrever, voltando a cair de costas e largando o telemóvel em cima do peito. Infelizmente, ele responde de imediato.

Agora que eu começava a gostar de ti.

Apesar da minha má disposição, arranca-me um sorriso.

Onde estás?

pergunta ele, e eu olho em volta da sala, fazendo um esgar ao ver as embalagens do *takeaway* e os copos sujos. Não me apercebi antes, mas já se sente um leve odor azedo. Uma mistura de roupa suja com desmazelo. Altura de pôr o lixo no contentor.

Em casa

digo, vendo uma elipse aparecer e apagar-se. Possivelmente, o Ryan está a ensaiar a melhor forma de responder.

Isso quer dizer que não vens?

Fico a olhar para o ecrã, procurando decifrar o sentido daquela pergunta quando a picada da compreensão me fere o peito, seguida por uma vaga de profunda vergonha.

— Merda — murmuro, finalmente percebendo o motivo de tantas tentativas de chamadas e mensagens da parte dele, pois deve aguardar pela minha presença no bar ao fundo da rua. Hoje é sábado, o que significa que é a noite da sua festa. Uma festa para celebrar a sua recente promoção.

Uma festa planeada, entretanto, há mais de um mês, e na qual prometi participar.

Suspiro, enfiando a base da palma das mãos em cada olho. A seguir, pego novamente no telemóvel, preparada para escrever uma

desculpa desenxabida, mas antes que possa fazê-lo, o aparelho vibra, antecipando-se.

Seria importante para mim que viesses.

Mordo o interior do lábio, arranhando com força uma pele levantada. Depois endireito-me, a cabeça às voltas por causa do movimento brusco.

Claro que vou

acabo por responder.

Estou a entrar no duche.

Examino os dedos dos pés, água suja e quente no rápido remoinho que o ralo engole. É difícil ignorar a ironia da situação. Ignorar esta tentativa de me lavar dos pecados com uma vigorosa esfrega. Dez anos consumidos a tentar enfiar-me na unidade de investigação do *The New York Journal* — uma forma de expiação, com certeza; o sonho de qualquer psiquiatra — e o facto de ter demorado apenas dez segundos para os deitar no lixo.

Todo aquele progresso desperdiçado de um momento para o outro, escorrendo por entre os meus dedos antes de desaparecer por completo como a água que desliza por mim.

Meia hora depois já me encontro a avançar pelo passeio, um vestido de algodão a raspar nos joelhos e as madeixas de cabelo molhado coladas ao pescoço. Sinto a pele húmida, uma fina película de suor envolvendo-me de cima a baixo. Seria de esperar, para quem cresceu no Sul, que estivesse acostumada aos verões quentes, a um desconforto envolvente durante metade do ano, mas o mês de julho em Nova Iorque tem o seu quê de particularmente insuportável. Mantenho a cabeça baixa enquanto caminho, olhos fixos nos pés ao desviar-me dos bêbedos trôpegos, das jovens empinocadas em busca de uma noite

de deleite. Saltos altos finos que navegam por entre as grelhas do passeio, envoltas em nuvens de desodorizante a cheirar a alfazema e perfume adocicado.

Passo por alguns bares a transbordar de gente, restaurantes com os clientes sentados às mesas, conversando por cima de pavios de velas tremeluzentes, antes de finalmente me enfiar pela escura entrada do Vern's, uma tabernazinha deselegante que o Ryan, se bem o conheço, escolheu apenas porque fica próxima do meu apartamento, reduzindo assim a resistência que me faria não ir.

Facto que só me faz sentir infinitamente pior por me ter esquecido.

Entro, sentindo a vista adaptar-se à fraca iluminação antes de respirar fundo, assolada pelo cheiro a cerveja derramada misturado com o fedor de pessoas a mais num espaço tão exíguo. Com calma, perscruto então o espaço, observando as luzes fluorescentes rascas, penduradas do teto por cabos, os guardanapos húmidos colados à madeira do balcão. Cada centímetro da parede está coberto por notas de um dólar, as pontas enroladas por causa da humidade eterna. Não se trata de um lugar que o Ryan aprecie, mas este gesto descontraído é tão deliberado que lhe retira a naturalidade.

Tal como a festa representa uma tentativa de minimizar a tal promoção para a qual dediquei anos de esforço, a tal que lhe foi entregue e não a mim.

Avanço para o interior, ignorando os olhares curiosos dos meus ex-colegas. Respondo a alguns sorrisos tristonhos, mantendo o queixo paralelo ao chão, antes de finalmente o discernir ao fundo do espaço, as veias dos braços expostas nas mangas arregaçadas. Tem a camisa desfraldada, colarinho tão aberto que os pelos do peito espreitam para fora, e fico simplesmente a observar, por instantes. A observar a forma como se encostou contra o balcão, dedos esvoaçando para chamar a atenção da empregada.

A forma como enfia a outra mão no bolso e confere o telemóvel, a subtil desilusão patente ao guardá-lo de novo.

Passo a mão pelo cabelo numa tentativa sem ânimo de parecer arranjada antes de me colocar ao seu lado e sentar-me no banquinho.

— Olá — digo, com um suave apertão no ombro dele. — Desculpa-me o atraso.

O Ryan vira-se para mim com iguais medidas de alívio e espanto. Pensou que eu não iria aparecer.

— Aqui está ela — anuncia, um arrebitar na voz, mas eu desvio a cara, tirando o telemóvel do bolso e pousando-o, ecrã virado para cima, sobre o balcão. Decorre um instante silencioso entre nós, uma mão-cheia de segundos enquanto ambos nitidamente procuramos decidir que rumo dar à conversa.

— Obrigado por teres vindo — diz ele por fim, e vejo-o começar a levantar uma base para copos, daquelas baratas de cartão que se desintegram assim que apanham água.

— Não perdia por nada deste mundo — respondo, e, contudo, há meia hora, foi isto precisamente o que tentei fazer.

A empregada manifesta-se com uma garrafa de cerveja, a qual o Ryan puxa contra si e pede uma segunda para mim. Depois vira-se na minha direção, com uma expressão diferente no olhar, como se fosse confessar um assunto importante, algo que há muito ganhava coragem para dizer, mas quando ia separar os lábios, uma notícia faz-se anunciar no conjunto de televisores alinhados. Viramos de imediato o nariz, quais perdigueiros atentos a um novo odor.

NAMORADO É CONSIDERADO CULPADO NO CASO DE HOMICÍDIO DA JOVEM DE DEZOITO ANOS

Ouço um grito animado vindo do outro lado do bar, antes de vagamente reparar que apareceu um segundo corpo ao nosso lado, da palmada contra o ombro largo do Ryan. A seguir, um murmúrio de saudações, uma rodada de *shots*, e procuro sorrir durante aquela sequência, alisar os traços perpetuamente rígidos do rosto, embora esteja convicta de que a minha expressão continua tensa.

— Bem, regala-me com histórias sobre a vida fora da gaiola — pede ele por fim, virando-se para mim assim que voltamos a estar sós. — Continua a ser o que querias que fosse?

— É tudo isso e mais ainda — minto, aceitando a bebida quando a empregada regressa com um cumprimento. — Bom horário, muita flexibilidade.

— Adeus, chatos colegas de cubículos e café frio da cafeteira.

— Pois, aquele último tipo era uma grande melga.

O Ryan solta risinhos, a abanar a cabeça.

— Então, alguma proposta interessante?

Mordo o lábio, indecisa sobre a melhor forma de lhe contar que ainda não trabalhei em mais nada desde a nossa última conversa. Que, após ter dedicado uma década inteira ao *The Journal*, e tendo como resultado ver-me ultrapassada na promoção que acreditava estar no papo, despedindo-me então para trabalhar como independente, começava secretamente a pensar que cometi um erro. Semanas de reflexão fizeram-me compreender que agira à pressa, com um amargo desagrado pelo meu patrão misturado com a exaustão profunda de passar os últimos dez anos a fazer reportagens criminais. As minhas histórias nada significando, exceto como resumo dos homicídios mais mundanos, tal como normalmente o são.

Outro assalto a uma estação de serviço, outro puto com arma na mão que só queria comprar droga.

— Algumas em vista — digo, arrancando o rótulo da garrafa com a mão direita. Omito o facto de que ninguém me respondeu; praticamente todos os *e-mails* que enviei recentemente caíram num silêncio abafado.

— Ainda bem — comenta. — Uma delas há de dar resultado.

Sorrio, detestando a comiseração que lhe sinto na voz. O facto de ambos sabermos que aquilo não vai acontecer.

— Ouve, Claire. Entendo que isto não está a ser fácil para ti.

Rodo o pescoço, ainda distraída pelo brilho dos televisores. Exibem agora uma foto da detenção de um jovem, nos seus vinte e poucos anos, vestido com um fato laranja, e fixo-me na imagem seguinte, de um camião com fita delimitadora da polícia atada à volta das portas. Ponho-me a imaginar o interior.

Arranhões na pele, impressões digitais no tabliê. Salpicos de sangue por todo o lado, como um quadro do Pollock, e luminol igualmente aplicado.

— A minha promoção — acrescenta o Ryan, o que me chama a atenção. — Toda esta gente sabe que devia ter ido para ti.

— Oh — exclamo, o nó no peito soltando-se ao entender a sua intenção. Julga que tenho inveja, e embora isso corresponda em parte à verdade, os pormenores são infinitamente mais complexos. — Não, Ryan. Estou feliz por ti.

— Mas a sério? — pergunta. — Porque nos últimos meses, mudaste. Estás distante.

— Completamente a sério — digo. — Mereceste.

Ele anui, embora não pareça convencido.

— Então que se passa? — pergunta, rodando o gargalo de vidro da garrafa entre os dedos, um raspar ritmado sobre o balcão que ecoa o latejar nos meus ouvidos.

— Em que sentido? — pergunto, fingindo-me de parva, e ele limita-se a arquear uma sobrancelha, recusando-se a acompanhar a minha débil tentativa de negação.

Encaro-o com firmeza, agora, tentando decidir a melhor resposta a dar, consciente de quanto tem durado a nossa amizade. Uma década de manhãs nebulosas e olhos raiados de sangue, separados apenas por uma divisória de PVC, até ao dia em que pisquei os olhos e percebi que ele era a única pessoa da minha vida que podia considerar um amigo. O nosso trabalho cria esta intimidade inevitável. Rodeados de narrativas de mortes… e contudo, há tanto de mim que o Ryan desconhece.

A bem dizer, não conhece praticamente nada do meu passado.

Solto o ar dos pulmões, uma culpa oleosa escorregando pelo meu estômago — não interessa quanto tente justificar-me, calar uma mentira continua a *ser* uma mentira. Há muito tempo que estou ciente disso.

Abro a boca, a língua prestes a tecer outra desculpa, mas nesse instante, o meu telemóvel começa a vibrar sobre o balcão. O brilho do ecrã atrai ambos os nossos olhares.

— Atende — diz ele, embora eu mal ouça as palavras, porque estou fixa no que encontro. Um nome ali escrito, que há muito, muito tempo não via.

— Não faz mal — murmuro, entorpecida de súbito como se estivesse drogada, rebuscando uma data na memória, ou algo mais que devia ter presente, porque não entendo o motivo desta chamada.

As mãos continuam caídas porque se recusam ao mínimo gesto, até que o toque finalmente se cala. Só então mexo os dedos e os envolvo em volta da garrafa, para que não fiquem desocupados.

— Se for importante, ele volta a ligar.

O Ryan anui, virando-se para a cerveja, mas assim que o telemóvel para de tocar, o ecrã acende-se de novo. O som irritante contra a velha madeira soa a um bater de dentes.

— Deve ser importante.

Engulo em seco, vendo o aparelho dançar em cima da mesa enquanto o Ryan se vira outra vez para mim, a vista enterrando-se na minha face. É como se sentisse a sua perplexidade, a sua crescente curiosidade sobre o motivo de me recusar a atender a chamada, e só por essa causa é que atendo, clicando em *Aceitar* antes de levar lentamente o aparelho ao encontro da orelha.

— Estou? — pergunto, procurando manter a calma ao ouvir o som de uma respiração mansa do outro lado. Um desconfortável silêncio entre os dois instala-se então, palpável como estranhos que se cruzam em lados opostos de uma passagem. — Pai, estás aí?

— Olá, Claire.

Solto o ar quando ouço a voz, que tem um timbre diferente, remota, como se nem ele quisesse acreditar que me tinha ligado.

— Que foi que aconteceu? — pergunto, o meu peito enchendo-se de uma sensação de alerta, pois o meu pai e eu não perdemos tempo com conversa fiada; se me ligou, foi por um motivo, embora comece a suspeitar de que não seja dos bons. — Passa-se alguma coisa?

Ouço-o suspirar, um som prolongado de derrota, e imagino a sua expressão no outro lado da linha. Massajando os olhos com os dedos, como se esta conversa fosse uma enxaqueca que tenta curar.

— Claire, tem que ver com a tua mãe — diz por fim. — Houve um acidente.

CAPÍTULO 2

Sinto a minha coluna endireitar-se, a minha postura ficar rígida e ereta, ao serem os meus nervos despertados, como se vítimas de um choque elétrico, pela palavra *acidente*.

— Como assim, um *acidente*? — pergunto, notando que o Ryan, a meu lado, espevita os ouvidos. E faz, repentinamente, uma expressão preocupada. — Que tipo de acidente? Que aconteceu?

— Ela encontra-se bem — diz o meu pai. — Mas ficou lesionada. Não consegue subir as escadas, o que lhe complica a vida nesta casa, como sabes.

— Que aconteceu? — repito, com a irritação já a nascer porque ele evita responder-me às perguntas. Aquele feitio que sempre teve.

— Uma tábua do *deck* do quintal cedeu quando ela o pisou — diz com mais um suspiro, como se fosse apenas um incómodo. — Partiu a perna em três sítios. Torceu o pulso, e magoou algumas costelas.

Liberto o ar dos pulmões, invadindo-me uma sensação de alívio. A minha mãe e eu também não somos chegadas — desde há anos —, mas estes segundos em que julguei que a teria perdido despertaram-me um pânico inexplicável no peito. Uma sensação surpreendente, que não sei explicar ao certo.

— Aquele *deck* é uma porcaria — comento, estranhando que tenha sido esse o meu primeiro pensamento. — Está a cair de podre há anos.

— Pois, o que queres, a casa é velha — responde ele. — E conheces a tua mãe. Nunca se deu ao trabalho de consertar nada.

Ficamos ambos calados. Aquela insinuação, tenha sido intencional ou não, destapava um ressentimento sedimentado, antigo.

— Bem, devias voltar durante uns tempos. Ajudá-la a cuidar da casa.

— Voltar — repito, uma noção tão bizarra que seria quase impensável. A descontração daquele pedido, como se ele não entendesse a magnitude do que disse.

— Sim, volta para casa — reitera. — A tua mãe precisa que a ajudem a cuidar do lar, Claire.

— Mas tenho um emprego… — começo a dizer, e calo-me de repente, pois sinto o Ryan debruçar-se na minha direção. Sem dúvida percebendo que menti.

— Durante algumas semanas, nada mais — continua ele. — Tens mesmo necessidade de um lugar fixo para escrever?

Fico calada, irritada com aquela sua presunção de que posso largar a minha vida de um dia para o outro — e também pelo facto de que tem razão, mais do que julga.

— Já a conheces, ela não gosta de pedir ajuda — diz, ante a minha falta de reação. — Só fiquei a saber do que aconteceu porque a vizinha dela me ligou quando a viu entrar no carro. Ia sozinha a conduzir até ao hospital.

Suspiro, enfiando os dedos nos cantos dos olhos ao imaginar o *Honda Civic* preto da minha mãe, a cair aos pedaços, aos solavancos pelo acesso; batendo no passeio e a arrastar-se pela estrada.

— Ainda se mata — acrescenta. — Ou mata alguém, se tentar voltar a conduzir.

Liberto a mão, fazendo rodar a cerveja em cima do balcão. Observando os pequenos anéis de humidade rodopiarem, enquanto vasculho na mente uma qualquer desculpa para dar.

— Ela não tem mais ninguém — continua ele, aparentemente mudando de tática e recorrendo à culpa em vez da lógica.

— Vou pensar — respondo, ansiosa por desligar a chamada antes que ele desate a falar da minha irmã e das feridas ainda abertas do nosso passado.

— Pois, claro — diz ele, nitidamente aliviado por não ter recebido uma recusa declarada, e embora os meus pais se tenham divorciado há mais de vinte anos, é nestas ocasiões que percebo que ainda nos tem apego.

Lanço um olhar ao Ryan, e desembaraço um sorriso apagado para lhe mostrar que estou bem.

— E, Claire — acrescenta o meu pai, chamando a minha atenção de novo para a conversa. — Não lhe digas que a ideia partiu de mim, combinado?

Desligo, as vozes que me cercam tornando-se ruído estático, e viro-me para o bar com um olhar duro. Quase consigo sentir a minha pele eriçar-se aos poucos enquanto a ideia de regressar se vai enterrando no meu sistema, pernas e braços subitamente pesados como se cheios de areia.

— Nem acredito nos meus olhos.

Pisco os olhos, regresso ao espaço, o baque sonoro das bolas de bilhar em ruído de fundo enquanto uma nova voz abre caminho pela imagem turva.

— Já pensava que não ias dar um ar da tua graça.

— Mike — exclamo, endireitando os ombros numa tentativa de sacudir a conversa anterior, enquanto o meu ex-chefe se materializa junto a mim.

— Não tenho visto o teu nome nas revistas — diz ele, lábios estreitos contorcendo-se num certo ar de troça, ao sentir os seus grossos braços roçarem-se. Aproximou-se demais, um hábito que sempre teve desde que o conheço, e afasto os cotovelos para tentar reclamar o meu espaço.

— Não quer dizer que não esteja a escrever.

Observo o sorriso dele alargar-se antes de retirar um palito da caixa e dobrá-lo ao meio, usando a ponta afiada para limpar os dentes. A pele tem um tom castanho caramelizado, o cabelo está mais curto do que tinha há meses. As madeixas grisalhas foram cortadas tão rente à pele que quase se nota a forma esférica do crânio.

— Sabes, podias voltar se quisesses — diz a seguir, a voz num tom mais baixo como se me fizesse um favor. O odor rançoso do charuto colado à língua. — A tua secretária continua lá, vazia e triste.

— Não será preciso, mas agradeço a oferta.

Ele encara-me por instantes antes de abanar a cabeça, um meneio desiludido como se não me compreendesse. De seguida, vira-se para o Ryan antes de espalmar a mão contra a nuca deste, a intensidade da palmada atirando o corpo inteiro do Ryan para a frente.

— Este gajo — diz, abanando o respetivo ombro com demasiada fora. Olho de relance, reparando que nas faces do Ryan surge um rubor que este procura disfarçar com um gole de cerveja. — Promovi-o, mas parece que alguém morreu, pois anda sempre com este ar de Calimero.

Faço um sorrisinho forçado, a minha atenção pousada na curva do maxilar dele, quando engole; a familiaridade daquele traço, o contorno regular. Já se nota a barba do final do dia, embora saiba que ele a cortou esta manhã. Corta-a sempre pela manhã. Quando estávamos na empresa, fazia questão de me meter com ele e gozar com o facto de ter uma aparência tão diferente ao cair da noite, uma barba rala e espessa a cobrir-lhe a pele das faces, a extensão do pescoço. Tinha um rosto como um relógio de sol que marcava a passagem do tempo, a prova física de que trabalhávamos até tarde.

— Tens estado a acompanhar isto?

O meu olhar volta a pousar no Mike, e de novo nos televisores, comentadores que condenavam a jovem morta por namorar com um tipo mais velho do que ela. Por lhe ter enviado *selfies*, por usar *tops* de decote pronunciado.

— Mais ou menos — respondo, tentando minimizar o facto de que, não só tenho seguido a história, como aguardo o desenlace com uma obsessão triste: as roupas, o carro. A jovem atraente e o homem mais velho que a matou por motivos que ninguém sabe realmente explicar.

— É nojento — continua o Mike, embora a voz tenha um toque de agrado. — Bem, pensa no assunto. Sabes que o orgulho não te paga as contas.

Desmancha-me o cabelo, e fico em silêncio a vê-lo afastar-se, uma raiva calada a fervilhar-me sob a pele.

— Sentes-te bem? — pergunta o Ryan assim que o Mike se distancia, com um tom de voz suave como se se sentisse embaraçado por mim.

— Sim, ele que se lixe — digo, levando a cerveja aos lábios. — Não voltaria nem morta.

— Não me refiro a esse assunto — indica, apontando para o telemóvel pousado no balcão. — Mas *àquele*.

— Ah — digo, recordando-me agora da conversa com o meu pai, o arrepio voltando a congelar-me as entranhas. — Sim, sem problemas.

— Mas o que foi? Parecia uma coisa séria.

— A minha mãe — respondo. — Encontra-se bem, mas o meu pai continua a tentar que eu volte para casa.

O Ryan anui, e fitamos ambos as garrafas alinhadas contra a parede; ele levanta a mão e faz sinal à empregada para trazer mais duas.

— Pressinto que não queres ir.

Solto o ar, tentando encontrar uma forma de explicar a situação, mas penso na forma como eu e o Ryan nos conhecemos, ambos ocupando secretárias contíguas no *The Journal*, durante o nosso primeiro dia conjunto no escritório. A forma como me fez perguntas sobre o passado e a família, e eu transmitindo a minha mentira inócua.

Tenho uma irmã, respondera eu, o rosto de porcelana da Natalie, imóvel e lívido, atravessando-me a mente como um *flash* forense. *Mas há anos que não falo com ela*.

Não foi uma decisão consciente, esta de a ter escondido dele. Pelo menos, no início não foi. Eu só queria parecer uma pessoa normal. Responder às perguntas banais de forma educada e simpática — mas fomos ficando mais chegados, mais do que alguma vez esperei, e senti que perdera a oportunidade. Ele aceitou a minha explicação vaga, e foi amável em não insistir. Embora eu pressentisse que ele queria fazê-lo, e de vez em quando quase cedesse a esta tentação, avançando em bicos de pés e ganhando coragem, mas eu nunca o deixei aproximar-se.

Mudava de assunto, desviava o tema. Enfiava a minha irmã no arquivo perdido da minha mente, onde ela vive há vinte e dois anos, até cair a noite e dele sair sorrateiramente.

— Não — respondo por fim, espetando com as unhas a berma do copo. — Não quero ir.

— Porquê? — pergunta, e eu engulo a cerveja de um único e demorado trago, sentindo uma resposta demasiado convoluta para desemaranhar facilmente. Demasiado complexa para a compor em palavras.

— Passou-se demasiado tempo. Custa-me lidar com tudo aquilo.

— Quanto tempo? — pergunta ele, um tom de voz mais gentil, pressentindo que nos acercamos de um assunto delicado, muito sério. Talvez um assunto que devíamos ter abordado há muito.

— Desde que acabei o liceu — admito, fazendo sinal de agradecimento à empregada quando pousa as nossas bebidas. — Quinze anos.

— Claire — comenta, baixando a garrafa e examinando-me com atenção. — Mas que porra.

— Não me dou com os meus pais. Nitidamente.

— Que se passou? — pergunta ele, e a minha perna desata a saltitar sobre o apoio superior do banco. Sei que estou a empatar, a ganhar tempo, mas assim que as palavras saírem dos meus lábios, não haverá forma de as recuperar. Marcharão à solta, desinibidas, levando consigo o segredo que escondi dele durante uma década, o qual ganhará vida própria. O Ryan passará a encarar-me de outra forma, sei perfeitamente… ainda que, ao mesmo tempo, me faça bem largar o fardo, ter outra pessoa com quem partilhar a mágoa. A verdade pendura-se na ponta da minha língua há demasiado tempo… mas agora, entre o telefonema do meu pai e a história do noticiário, esta porta está um tudo-nada entreaberta.

Só me falta transpô-la.

— Toma — digo por fim, agarrando no telemóvel antes que mude de ideias. Depois abro o navegador, escrevo *Natalie Campbell* e faço *Pesquisar*. Os artigos são antigos, mas abundantes, e escolho um ao acaso antes de lhe entregar o aparelho com o coração acelerado. — Lê e entenderás.

CAPÍTULO 3

Já passa da meia-noite quando chego a casa, trôpega, levada pelas ruas da cidade num misto de calor aconchegante e resquícios do malte da cerveja no bafo.

Dispo-me assim que entro, largando o vestido no chão ao lado do resto da roupa suja. O interior está quente e abafado, o ar condicionado da janela mal compensando a humidade que paira do lado de fora; mesmo assim, o sopro de ar ligeiramente mais fresco com que banha o apartamento consegue arrefecer o suor que se me cola ao corpo, o qual reage com arrepios, a pele de galinha respondendo a este toque.

Abro caminho pelo meio da desarrumação, navegando em pés descalços pelos intervalos livres como se dançasse entre minas terrestres, e deixo-me cair no sofá, agarrando no portátil pousado na outra ponta. De seguida, abro-lhe a tampa e começo a escrever, o brilho do ecrã banhando-me o rosto como uma lanterna, teclando o nome da minha irmã no navegador, escolhendo o mesmo resultado de há pouco, vendo o título manifestar-se.

FOI DETIDO O NAMORADO DA JOVEM DESAPARECIDA SOB ACUSAÇÃO DE HOMICÍDIO.

Fecho os olhos e imagino as pupilas do Ryan a voarem para um lado e para o outro, enquanto ia lendo. O suave descair do maxilar ao compreender e a forma como baixou o meu telemóvel, lentamente, os sons da festa suspensos à nossa volta como se de repente só restássemos nós.

— Porque não me contaste? — pergunta-me, um murmúrio de descrédito ao abarcar a enormidade do que lhe ocultei. O verdadeiro motivo do meu mau humor naqueles meses finais. A dor não é racional, sei que não faz sentido algum, mas embora houvesse duas décadas de intervalo entre ambos os casos… embora a história nas notícias em nada se relacione com a do ecrã, com o que aconteceu à Natalie… os paralelos entre ambas desenterraram tantas memórias antigas que desencadeou um recordatório funesto de tudo aquilo que no mundo se manteve igual.

Porque ainda dançamos ao som da mesma melodia doentia. Pequenas bailarinas a rodopiar. Sempre em movimento, mas sem irem a parte alguma.

— Sei lá — admiti finalmente. — Acho que tento não pensar muito nisto.

— Durante dez anos? — insistiu ele, o olhar semicerrado enquanto me estudava. — Tentaste não pensar muito naquilo durante dez anos inteiros?

Mantive-me calada sem saber que explicação dar.

— A tua irmã foi assassinada, Claire.

Os meus olhos abrem-se de rompante, uma reação instintiva à palavra como um dedo que toca num fogão em brasa. O termo técnico é *dada como morta*, mas nesta fase, é uma diferença irrisória.

Ponho-me agora a percorrer a página, lendo este artigo de agosto de 2002. Entendo que não é uma atitude sensata, retomar esta comprida e negra estrada, mas estou suficientemente bêbeda para aguentar a melancolia. Um corte emocional do qual me virei seguramente a arrepender. Há uma foto da detenção no canto direito do ecrã, o nome da legenda identificando o homem como Jeffrey Slater, o namorado secreto da minha irmã mais velha. Aquele que ninguém sabia que existia. Ela ocultou-o de todos nós, assim como um vício que não conseguisse largar, e eu debruço-me agora, o nariz praticamente colado ao vidro

enquanto perscruto os traços do seu rosto. Ele tinha sido um homem atraente, sem dúvida, embora de uma forma marcada pelo ar livre: pele excessivamente bronzeada, cabelo loiro como a areia, apanhado num carrapito na nuca. Tatuagens desbotadas espreitando do interior da gola, um traço juvenil nos lábios, virados ao canto, embora tivesse vinte e oito anos quando foi detido.

Dez anos inteiros mais velho do que ela.

Continuo a percorrer o artigo, a obrigar-me a avançar para o texto. Leio-o por alto, do princípio ao fim, embora saiba que não contém nada de novo. Nenhuma novidade surgiu a respeito do caso da minha irmã desde a detenção do Jeffrey, vinte e dois anos de artigos por ocasião dos aniversários a regurgitarem os pormenores, uma ocasional brisa de novos resultados sempre que entra no faro de um *podcast*, que procura dar-lhe novo alento. E, no entanto, recordo tudo perante a descrição das pistas, do carro, dos indícios da Natalie empurrada para o lugar do passageiro: um grosso cabelo loiro com a raiz ainda presa, a impressão digital dela na porta do passageiro. E tudo isso teria explicação, como é óbvio, se não fosse a camisa embebida no sangue dela que encontraram, enrolada, no porta-luvas.

Fora *esse* o proverbial prego no caixão. A razão de ter sido condenado a prisão perpétua sem hipótese alguma de liberdade condicional.

Olho para o fundo, vendo as imagens da nossa casa de infância, sujeitas a uma montagem sinistra. A janela da Natalie ao longe, rachada como uma casca. A polícia começou por insistir que se tratava de uma mera fuga. Havia de voltar passados alguns dias.

Deve ter passado a noite na casa de uma amiga, indicou um dos detetives, um homem chamado Eric DiNello que conhecia a minha mãe desde pequeno, exemplo do estereótipo de que toda a gente se conhece nas povoações pequenas tornando-se um mero facto do dia a dia. *Sabes como é que as raparigas são*.

Pestanejo várias vezes, sentindo o corpo flutuar como se este tivesse sido atirado duas décadas para trás. Como se tivesse novamente onze anos, as perninhas aos pontapés no ar quando os detetives nos fizeram sentar à mesa da sala de jantar e procuraram extrair a minha mãe do seu estado de pânico. A teoria deles foi válida durante um par de

dias, em parte porque descobrimos que desaparecera uma mochila. Uma mochila preta que a Natalie guardava no guarda-roupa. Este facto, bem como a falta de um corpo, possibilitou-nos suster um laivo de esperança, mas no final, informaram-nos de que ela devia ter morrido naquele carro, que o ADN dela pintava uma imagem sombria dos seus últimos minutos: os dois aos gritos, a debaterem-se. A Natalie, capaz de dizer as coisas mais horríveis, a língua como uma navalha afiada que sabia espetar onde mais doía, até agarrar a pega da porta no preciso momento em que o Jeffrey a agarrou pelo cabelo.

E ela tentar sair e ele ter-lhe puxado a cabeça para trás e depois empurrando-a com força para a frente, piscando os olhos quando o corpo cedeu nas suas mãos. Os dedos a tremerem com o sangue ainda húmido.

Fecho o artigo e abro uma nova janela, obrigando a minha mente a mudar de rumo. Acedo à conta do meu banco, sentindo o aperto no peito ao ver o montante ali exposto, perigosamente pequeno. Os jornalistas não ganham muito — sobretudo, os dos jornais medianos como o *The New York Journal*, e sobretudo após passar dois meses sem receber — e faço umas contas rápidas de cabeça, percebendo que, daqui a mais dois meses, estarei reduzida a um único dígito.

— Merda — murmuro, enfiando os dedos nos olhos, sentindo as órbitas. Obrigar o mundo a desfocar-se, o que seria uma bênção, antes de me obrigar a baixá-las.

Penso nos meus anteriores colegas no bar; os sorrisos pejados de comiseração, retesados e tensos, quando passei por eles. O meu ex-chefe, aquele paternalismo mesquinho disfarçado de preocupação, e o facto de que passei as últimas oito semanas num círculo vicioso de raiva e arrependimento. Talvez se me distanciar disto durante um mês inteiro me amanse a alma; talvez se ficar longe da cidade, das pressões para ter sucesso sem ajuda, desperte uma nova luz na minha mente. Além disso, se eu passar o resto do verão na antiga casa, poderei arrendar o apartamento. Receber algum. Ter uma almofada para não ficar com as poupanças a zero.

Pego no telemóvel, abro os Contactos, escolho o número da minha mãe antes de começar uma nova mensagem. Depois fico a olhar para

o ecrã em branco por um segundo, o cursor a latejar como um relógio, como um coração pulsante. A sua mera imagem desperta em mim um forte arrepio. Os meus pais continuam a morar em Claxton, a pequena vila piscatória na costa da Carolina do Sul. Após o divórcio, o meu pai mudou-se para uma casa nova, naturalmente, mas a mãe continua a viver na mesma casa em que crescemos, e sinceramente, não sei como é que aguenta. Não sei como consegue ainda passar pelo quarto da Natalie e espreitar pela porta.

A cama em que ninguém mais se deitou, um armário cheio de roupa que ninguém mais vestiu.

Respiro fundo, obrigando os polegares a afastarem-se do ecrã. Depois escrevo umas palavras, apago-as. Refaço, escrevo outra coisa qualquer, tendo em mente o pedido do meu pai de que não mencionasse o nome dele antes de finalmente me decidir por uma mensagem vaga e descontraída.

Pensei que podia fazer-te uma visita.
Será que o meu quarto ainda está disponível?

Disparo a mensagem e fecho os olhos, a jugular numa frenética pulsação no pescoço. Percebo, agora que a enviei, que é uma hora da manhã, e a mãe deve estar a dormir — alternativamente, demorará a dar resposta porque se esquece de verificar o telemóvel; às vezes, passam-se dias —, e decido abrir os olhos, levanto-me de imediato para ir deitar-me quando sinto o aparelho vibrar na minha mão.

Olho para baixo, o ecrã subitamente aceso e encontro o número da mãe, um M genérico em vez da sua foto porque não tenho nenhuma recente que pudesse usar.

Deslizo o dedo para cima, sustendo a respiração ao ler a resposta.

Adorava ter-te aqui. O quarto está à tua espera.